



PAIXÃO SOB AS ESTRELAS

CONTO
SPIN-OFF DE
ELEGIDOS

ANNA ANDRADE

Prólogo

Poucas coisas importam para pessoas magoadas por uma infância difícil ou adolescência conturbada. Na fase adulta, a cereja do bolo é os problemas crescerem em uma proporção desastrosa.

Entender as disparidades sociais nunca era fácil: a ideia de ter pais não se comparava à comida no prato ou sequer à amizade dos garotos do orfanato. Como uma criança poderia entender o sentimento de ausência? Como sonhar com algo que nunca viu?

A miséria ainda aumentava quando comparada com Áreas mais ricas do globo.

No fim da adolescência, Thabani Gwala sempre fora indiferente. Saía do orfanato no interior da Área 96 sob permissão do reitor e pegava um trem até a capital, onde seu primeiro namorado trabalhava. Equilibrava a independência ao lado afetivo, fazendo questão de não ser um acessório. Almejava ter o próprio brilho e lutava para que sua voz nunca fosse apagada.

Um *loop* acabou mudando seus planos e, cinco anos depois, o rapaz se viu em um projeto político junto de mais nove jovens. Deixou a amada terra para embarcar no duvidoso e ter a experiência mais desafiadora de sua vida...

Ou bem mais do que isso.

Capítulo 1

Pela quinta vez em minutos, Thabani encarava as costas de Travis, que se empolgara com os arremessos de faca e tomara posse de grande espaço na arena. Thabani suportava a rotina monótona de mais um dia na base com a mesma resiliência de um metálico.

Para quem acreditava que os treinamentos seriam mais duros ali do que no exército da Área 96, o rapaz nunca estivera tão enganado: o Projeto 375 poderia ganhar em diversidade de ensinamentos, mas a rispidez da Área 96 era premiada em competições militares entre os aliados. Soldados com habilidades extraordinárias, como a dele, passavam pelo pior, afinal bastavam algumas horas para que o corpo se recuperasse das feridas.

Não via outro culpado pelo comportamento de seu governo além de Edgar Blake, Presidente da Área mais poderosa do mundo, que se aproveitara da influência para usar a Área de campo de treinamento. Soldados como ele próprio não eram mais do que experimentos.

— Só mais cinco minutos — pediu Travis, acertando a adaga no alvo holográfico.

— Não tem problema. Os superiores não estão vendo, então temos crédito de tempo até alguém nos chamar. Mas aposto que os patrocinadores amam te ver suando — disse Thabani, esticando-se na arquibancada, afugentando a raiva de Edgar.

— Ainda bem. Teríamos que fazer bem mais do que isso para agradá-los.

Travis não exagerava: havia pressão para os Elegidos seguirem regras e terem uma aparência, no mínimo, interessante aos olhos — ou, melhor, câmeras — dos patrocinadores do projeto: financiadores de luxo.

— Tenho que concordar, uma hora ou outra viraremos palhaços de circo. Se já não somos agora — resmungou Thabani ao se levantar. — Vou dar uma caminhada, minha coxa está dormente.

— *Okay*. Quando você voltar, eu libero.

Uma risada escapou de seus lábios carnudos antes de ele deixar o recinto. Perdera a quantidade de vezes que Travis usara aquela desculpa: talvez o comportamento dele se devesse ao fato de ser filho único e ter tido incontáveis “irmãos” no orfanato, o que fazia com que dividir nunca fosse uma opção.

Uma volta pela praia seria suficiente para despertá-lo do cochilo de pouco antes. Tomou cuidado no percurso até a saída, evitando ao máximo funcionários e superiores que circulavam pela base.

Não demorou muito para o cheiro do mar hipnotizá-lo. Não havia nada igual. A vegetação da ilha era o mais perto de algo orgânico que podia tocar: animais e plantas se

assemelhavam a coisas de contos de fadas para boa parte do mundo, acessíveis apenas a uma minúscula faixa riquíssima da população. Por isso, se sentia beneficiado ao poder tocar os coqueiros e ver os peixes na água.

Assim que pisou fora do cimento, tirou as botas, sentindo o atrito agradável entre seus pés e a areia. Caminhou com os calçados nas mãos, pousando-os na sombra de uma árvore rente ao mar. Conforme entrava na água cristalina, enxergava os próprios pés com nitidez. As pequenas conchas lhe serviam como um campo minado: temia quebrá-las com o próprio peso. A água alcançou a altura do joelho, molhando suas bermudas.

Fechou os olhos para se conectar ao momento, curtir a brisa que lhe tocava a pele negra. O sol banhava seus braços expostos, tranquilizando-o. Fazia-o esquecer da politicagem do mundo, das divergências ideológicas, de toda raiva que guardava pelas tristezas da infância e da adolescência. Ir sozinho à praia garantia paz antes de voltar ao ritmo de treinamento da base.

Um som estridente, como algo se estatelando no chão, tirou-o do transe. Abriu os olhos e correu rumo ao barulho, sentindo o instinto de soldado puxá-lo para o combate. Diante de uma iminente guerra, todo movimento era suspeito.

Alguns passos o levaram a se deparar com o descarregamento de caixas de suprimentos para os moradores da ilha, coisa que acontecia pelo menos uma vez por semana. Desvantagem de estar longe do continente.

Pessoas agitavam o depósito de um lado para outro, esvaziando a nave de carga estacionada perto do galpão. Um rapaz jovem, de faixa etária igual à sua, atraiu-lhe a atenção. De cabeça baixa, escutava em silêncio o esporro dado por uma mulher.

— Como pôde deixar a caixa cair? — gritou ela. — O que vamos dizer a eles se estiver danificado? Quem vai pagar pelo prejuízo?

Pela aparência deles, Thabani suspeitou que fossem nativos da ilha: pele queimada pelo sol, cabelos negros e grossos, estatura mediana — mais baixos do que ele próprio. Pegou-se observando-os por não vê-los tanto; os funcionários-nativos da base passavam despercebidos durante o dia.

— Não vai dizer nada, Kai? — insistiu a mulher.

— Não sou da logística... — argumentou, despretensioso, quase em um sussurro.

— Então a culpa é minha por realocar outro serviço a você?

— Lógico — disse Thabani, se aproximando. — Não se trata ninguém assim, e foi um acidente.

Os outros dois piscaram.

— Senhor, me desculpe perguntar — disse ela, com mais calma. — O que faz aqui?

Fora a primeira vez que alguém mudara o tom de voz por sua causa. Não sabia estar acima na hierarquia da base. Ser um Elegido tinha alguma vantagem.

— Ouvi o barulho lá da praia e vim averiguar. Procedimento militar padrão — explicou, tentando manter a voz firme, apesar de segurar o riso.

— Fique tranquilo, o assunto já foi resolvido. — A mulher fitou os pés nus e molhados do superior antes de se virar para o técnico. — Volte para seu serviço, eu me viro por aqui.

Kai assentiu, escondendo as mãos nervosas nos bolsos das calças. Anuiu para Thabani em respeito e partiu sem dizer uma só palavra. O gesto dizia muito por si só, mas o soldado gostaria de ouvi-lo falar, responder à grosseria da mulher. Nem todos se arriscavam, como ele, e peitavam os superiores. Acharia muito mais empolgante se aquele rapaz tivesse atitude.

Deixou o local ao conferir as horas no Sistema Central (SC), dispositivo tecnológico de pulso: seu tempo livre acabava. Atravessou o caminho de areia e plantas altas até onde deixara as botas. Uma expressão desgostosa lhe tomou a face ao encarar os olhos castanhos de Bernardo.

O Elegido da Área 71 sorria, chacoalhando seus sapatos de qualquer jeito com as mãos. Mais um desafio da ilha: sobreviver ao temperamento daquele babaca. Claro, era eufemismo chamar de temperamento o que poderia ser substituído por assédio moral.

Palavras não assustavam Thabani desde a adolescência, ao receber a ordem de despejo do orfanato e precisar encontrar uma nova casa. Mas Bernardo não agia como se quisesse amedrontá-lo por se sentir ameaçado; a questão poderia ser mais profunda.

— Os superiores não gostarão de saber que perdeu um treino inteiro. — Jogou as botas aos pés de Thabani, que tentou desviar do arremesso. — O que anda fazendo escondido?

— Virou inspetor da ilha? — Colocou os sapatos ainda de pé. Queria sair logo dali.

— Não, até parece que sou eu quem enche o saco de todo mundo. Você é o militante chato do dormitório, achando que sabe tudo.

— Tanto faz, estou indo.

Thabani deu as costas para a risada irritante do outro. Fugiu da praia em uma tentativa de não se abater: a dor de cabeça seria maior se não o ignorasse. Foi para a sala de recuperação, onde o vento frio e o silêncio o fariam relaxar.

Seu segundo refúgio na base.